

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Lira elogia Motta, mas não fala em sucessão

Presidente da Câmara participou de evento em SP com o favorito na disputa

» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

Em um evento do agronegócio, ontem, em São Paulo, o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), apareceu ao lado do até agora candidato favorito à Presidência da Casa, o deputado federal Hugo Motta (Republicanos-PB), mas evitou dar declarações de apoio. A quatro meses do fim do mandato, Lira reiterou o “compromisso dos parlamentares de continuar trabalhando em prol do Brasil e dos brasileiros”, na abertura da 24ª Conferência Internacional Datagro sobre Açúcar e Etanol.

Além de homenagear os 100 anos do etanol no Brasil, a cerimônia também condecorou Lira pela atuação na Câmara em prol de projetos relacionados a biocombustíveis e pelo Programa de Aceleração da Transição Energética (Patên).

“Seguiremos aprimorando o nosso arcabouço legal para dar melhores condições e maiores oportunidades para que esse setor prossiga prosperando”, disse Arthur Lira sobre o papel do etanol brasileiro como referência global na transição energética. Ele parabenizou o setor de biocombustíveis e disse que a Câmara cumpre um “papel fundamental” na agenda da transição energética. O presidente também criticou a legislação ambiental do país, “a mais dura do mundo”, segundo ele.

A declaração contraria o movimento do Palácio do Planalto para endurecer as punições de quem comete crimes ambientais. Na semana passada, o governo federal enviou ao Congresso Nacional um projeto de lei em resposta ao aumento do número de incêndios florestais criminosos nos últimos meses.

“Radicalização”

Hugo Motta, por sua vez, não deixou de aproveitar o encontro

ALOISIO MAURICIO/ESTADÃO CONTEÚDO



Hugo Motta com Arthur Lira, em São Paulo: “Candidatura de consenso, da extrema-direita à extrema-esquerda”

para fazer propaganda de sua candidatura. Disse que o Brasil precisa “sair de uma agenda de radicalização” para discutir os “verdadeiros problemas da população”.

“Temos confiança de que construiremos essa candidatura de consenso, da extrema-direita à extrema-esquerda, para que tenhamos a Casa funcionando bem, os partidos respeitados, e que cada um possa defender a pauta que entende ser importante para o país”, declarou o líder do Republicanos.

“A nossa candidatura é uma candidatura a favor da Casa. É uma candidatura que tem que representar o sentimento dos parlamentares. E, nesse sentimento dos parlamentares, está o diálogo com os outros Poderes.”

Além de Motta, concorrem à presidência da Câmara os líderes do União Brasil, Elmar Nascimento (BA), e do PSD, e Antônio

Brito (BA). No início da corrida sucessória, havia a expectativa de que Elmar fosse o nome preferido por Lira. Em setembro, no entanto, o cacique alagoano anunciou aos líderes partidários que apoiaria Motta. Elmar, então, aliou-se a Brito para que apenas um deles (o que estiver com maior número de apoios) dispute a cadeira da Presidência.

Risco calculado

Ontem, Lira parabenizou a liderança de Motta no partido e agradeceu o trabalho do colégio de líderes ao longo dos últimos anos. “Nosso Hugo Motta, líder do Republicanos, aqui representando um colégio que respeitamos muito na Câmara. O trabalho de condução dessa presidência se deve muito à qualidade de seus líderes”, disse.

Para o cientista político e

professor de ciência política na UDF André Rosa, o apoio velado de Lira a Motta no evento de ontem é um “movimento de risco, mas calculado pelo presidente”. “Lira percebe que existe a possibilidade de Elmar ou Motta vencer, mas ele evita dizer isso publicamente, devido a uma série de acordos, inclusive, com o Poder Executivo. Então, um apoio público poderia estremecer as relações com o Planalto”, explica.

Rosa argumenta que, sendo Lira um grande articulador do Centrão, o presidente precisa manter as associações unidas em torno dos partidos. “Ele (Lira) precisa ter uma série de cuidados na eleição da presidência da Câmara para não perder essas agradações no Centrão”, diz.

*Estagiária sob a supervisão de Vinicius Doria

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Nunes recebe apoio de ex-presidentes

» CAMILA CURADO

O prefeito de São Paulo e candidato à reeleição, Ricardo Nunes (MDB), reúne-se, hoje, com o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), o presidente do MDB, Baleia Rossi, e outras autoridades e convidadas em um almoço, na capital paulista. A expectativa de Nunes é fortalecer, com Bolsonaro, a campanha eleitoral a cinco dias do segundo turno.

A assessoria de Bolsonaro afirmou que o ex-presidente Michel Temer (MDB) também participará do almoço, que terá mais de 400 convidados. “Vai ser um almoço festivo para consagrar a derrota da esquerda, e marca a aliança e alinhamento da direita com a parceria com as lideranças paulistas”, declarou Fabio Wajngarten, ex-ministro e assessor de Bolsonaro.

Depois do almoço, Bolsonaro deve permanecer em São Paulo para outros compromissos, que incluem a participação no podcast da campanha de Nunes, à tarde, e uma ida a um evento religioso, à noite. Amanhã, o ex-presidente irá para Santos com a mulher, Michelle Bolsonaro.

Na mais recente pesquisa de intenção de votos para o 2º turno, divulgada ontem pela AtlasIntel, Nunes apresentou crescimento em relação ao adversário, o deputado federal Guilherme Boulos (PSol). O prefeito tem 54,8% das intenções de voto contra 42,2% de Boulos. “O momento marca a arrancada final para as eleições

LEONARDO EICHINGER/ESTADÃO CONTEÚDO



Candidato à reeleição, Ricardo Nunes almoça com Bolsonaro e Temer

com essa enorme aliança em São Paulo, a maior metrópole do país, contra a esquerda de Boulos. E ele faz parte de uma estratégia para o retorno da direita em 2026”, destacou Wajngarten.

Apesar de estar atrás de Nunes nas pesquisas, Boulos também cresceu na preferência do eleitorado paulista. Na pesquisa anterior, ele estava com 37%. O que encolheu foi o percentual de quem se declara indeciso.

“Carta ao povo de SP”

Similar à estratégia adotada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2002, Guilherme Boulos divulgou ontem um

documento intitulado *Carta ao Povo de São Paulo* para tentar reduzir a taxa de rejeição de sua candidatura. “A periferia mudou. Você, mulher, que foi abrir seu salão, vender salgados na garagem de casa ou na porta do metrô, sabe disso. Você, jovem, que financiou uma moto e foi trabalhar sem parar e sem nenhuma proteção, sabe disso”, destacou o candidato, em um dos trechos.

O candidato do PSol tenta uma aproximação com empreendedores individuais e trabalhadores informais, público que teve forte adesão à campanha do ex-candidato Pablo Marçal (PR-TB). “Nosso governo será de diálogo e construção conjunta, sem

amarras a qualquer tipo de sectarismo. Reconheço também que, pelo nosso propósito de olhar sempre para os invisíveis, muitas vezes nós da esquerda deixamos de falar com tanta gente que também batalha, sofre o dia a dia das periferias e que buscou encontrar sua própria forma de ganhar a vida”, acrescentou.

O presidente Lula, ao disputar pela terceira vez a Presidência da República, lançou um documento parecido. A *Carta ao povo brasileiro* foi parte de uma estratégia para angariar apoio do setor econômico, que apresentava resistência à candidatura do petista pelo histórico de sua luta popular. O feito se tornou um marco na campanha do sindicalista, em 2002, ano em que venceu as eleições formando chapa com o empresário José Alencar.

Boulos demonstra, por meio da carta lançada ontem, a preocupação em justificar a trajetória ligada ao movimento social, mas espera afastar a pcha de radical. “Muitos ficam assustados com a minha trajetória no movimento social. Outros se questionam sobre se conseguiremos dar conta ou se vamos dialogar com quem tem visões diferentes. E, por isso, ficam receosos de apostar na mudança que representamos, mesmo sabendo que a cidade não está boa. Peço aqui um voto de confiança a vocês”.

Em ato de campanha na frente da prefeitura de São Paulo, no Viaduto do Chá, ele declarou: “Nosso governo será de diálogo, sem nenhum tipo de amarras ideológica”.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

Luizazedo.df@dabr.com.br



Lula é o grande ausente na reunião do Brics

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva será o grande ausente da 16ª Cúpula dos líderes do Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que começa hoje, em Kazan, na Rússia. Para o presidente russo Vladimir Putin, o evento tem importância estratégica, porque sinaliza para o mundo que seu isolamento não foi um objetivo alcançado pelo Ocidente, com as sanções econômicas adotadas por Estados Unidos, Inglaterra e União Europeia, por causa da invasão da Ucrânia pelas tropas russas.

Lula foi impedido de participar do encontro em razão de um acidente doméstico — uma queda no banheiro —, no qual bateu com a cabeça e teve que levar cinco pontos. Ele foi impedido de viajar porque ainda se encontra sob observação médica. Esse tipo de acidente é muito perigoso e pode provocar lesões cerebrais. Entretanto, politicamente, sua ausência é providencial, diante de algumas questões incômodas que serão tratadas nessa reunião, como os pedidos de adesão da Venezuela de Nicolás Maduro; da Nicarágua de Daniel Ortega; e do Afeganistão dos Talibãs. O Brasil é contra.

O Brasil é um dos fundadores do Brics, como a Índia e a África do Sul, mas quem dará as cartas no grupo na reunião de hoje é a China, aliada à Rússia. O chefe da delegação brasileira é o chanceler Mauro Vieira, porém, Lula participará da cúpula por videoconferência, segundo o Palácio do Planalto. A realização da reunião em Kazan é um desafio ao Ocidente por si mesma, uma vez que o encontro foi montado sob medida para Putin. A cúpula de Kazan contará com os novos integrantes do grupo: Egito, Iraã, Emirados Árabes Unidos e Etiópia. A Arábia Saudita ainda não oficializou sua entrada, mas já foi aceita no bloco.

O pano de fundo da reunião, inevitavelmente, será a guerra da Ucrânia. A posição de Lula sobre essa questão é ambígua. “Acho que a Rússia cometeu um erro crasso de invadir o território de outro país. Mas acho que quando um não quer, dois não brigam. Precisamos encontrar a paz”, sustenta. Lula já chegou a dizer que os presidentes da Rússia, Vladimir Putin, e da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, “estão gostando da guerra”.

Lula e Xi Jinping apresentaram um plano de paz para a guerra da Ucrânia no Conselho de Segurança da ONU, mas dificilmente sairá do papel. É rejeitado pelos Estados Unidos e pela União Europeia. O Brasil votou a favor da resolução da Assembleia Geral da ONU sobre a integridade territorial da Ucrânia, em outubro de 2022, e de resolução sobre paz duradoura e fim dos conflitos, em fevereiro de 2023, o que representa um compromisso do governo brasileiro com a paz.

Sul global

A importância do Brics é mais econômica do que política, porém, o grupo ganha um viés ideológico anticidental em razão da nova “guerra fria” entre os Estados Unidos e a Rússia, tendo por pano de fundo a disputa comercial norte-americana com a China. As economias do Brics suplantam as do G7. O PIB da Alemanha, da Áustria, da Finlândia e da Estônia está encolhendo; a União Europeia vive um momento de estagnação econômica e certa incerteza política. Mais de 30 países desejam ingressar no Brics, entre os quais Azerbaijão, Bolívia, Honduras, Venezuela, Cuba e Turquia. A Rússia veta a entrada dos que apoiam as sanções norte-americana e europeias a sua economia.

O viés anticidental do encontro de Kazan é um problema para a diplomacia brasileira, mas agrada a uma parcela do governo e, principalmente, a cúpula do PT. A tese de que algumas das instituições da ordem internacional estão voltadas contra os países em desenvolvimento e que o bloco pode ser um caminho para uma reforma ganha força. China e Rússia tiram proveito dessa questão, mas Brasil, Índia e África do Sul também querem manter relações boas com os Estados Unidos e União Europeia.

A Índia é a grande concorrente da China e procura ampliar sua influência na África, onde aumentou de 25 para 43 o número de embaixadas. O país é o quarto maior parceiro comercial africano e a quinta maior fonte de investimento direto estrangeiro na região. A economia indiana deverá crescer 6,5% ao ano entre 2024 e 2028, e tornar-se a terceira maior economia do mundo até 2032, ultrapassando o Japão e a Alemanha.

O Itamaraty tem por tradição uma política flexível, independente e pragmática, porém, o ex-chanceler e assessor especial da Presidência Celso Amorim aposta cada vez mais nas relações com o chamado Sul global, para projetar a liderança de Lula nos países em desenvolvimento. Entretanto, as relações com países da América do Sul, principalmente do Mercosul, não têm sido fáceis para Lula.

Até novembro deste ano, o Brasil também ocupará a liderança rotativa do G20, grupo que reúne as 19 principais economias do mundo, além da União Europeia e da União Africana, que se reunirá no Rio de Janeiro, em novembro. No próximo ano, o Brasil assumirá a presidência do Brics e sediará a 30ª Conferência sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas (COP30) em Belém.